

O Bisão Encantado: o surgimento do Simbólico na Arte Visual.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.5, No.16, agosto 2024 – O Bisão Encantado: o surgimento do simbólico na Arte Visual.

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Imagem de Bisão , caverna de Altamira, Espanha.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Imagine que você não vive no presente e sim na Pré-História, num período em que a questão era de vida ou morte o tempo todo, todo dia, toda hora... Contemplar o amanhecer já era uma vitória. Imagine também que vive numa época extremamente precária, tudo deve ser extraído, apropriado ou conquistado, não havia qualquer facilidade como as que se têm hoje em dia. Alimentar-se dependia de habilidades para obter alimentos por meio da coleta, caça, pesca e também da capacidade de defesa contra os animais, outros povos e as agruras do meio ambiente. Este era o dia a dia dos povos originários.

Sobreviver não era para amadores e, em grande parte, dependia da obtenção de nutrientes. O clima nem sempre ajudava, não era possível, no inverno, coletar raízes, frutos, folhas ou qualquer outro alimento disponível no ambiente. Pescar nem sempre era possível dada as condições do hemisfério norte onde invernos rigorosos congelavam as águas, enfim, restava caçar e, na melhor das hipóteses, seguir as manadas de animais que se deslocavam e capturar os mais frágeis, novos ou velhos então, com sorte, poderia dispor de uma refeição rica em proteínas e carboidratos necessários à sobrevivência, era uma questão de sorte.

Atualmente, pretensos nutricionistas, falam da “*dieta pré-histórica*” como se fosse uma solução para o desregramento alimentar contemporâneo. É necessário entender que aquela “dieta” era baseada num cardápio singelo: *o que é possível comer hoje*. Embora a fisiologia humana admita o onivorismo como base alimentar, nem sempre o acesso aos alimentos atendiam às necessidades fisiológicas, portanto, sua dieta dependia da época do ano, da disponibilidade de fontes alimentares, da habilidade em reconhecer e obter alimento e da caça.

O que este assunto tem a ver com Arte? Simples, para tentar compreender parte das temáticas e abordagens reveladas pelas imagens produzidas pelo ser humano na pré-história, é necessário entender também as condições de sua sobrevivência, para isto é preciso falar de seu cardápio. Partindo do pressuposto de que as necessidades humanas diárias compreendem uma série de nutrientes, é importante considerar como obtê-los e em que quantidade, portanto, uma dieta mínima para que um ser humano adulto sobrevivesse devia ser composta de Proteínas, Carboidratos e vários outros nutrientes, o que não era fácil.

Apenas como informação, as orientações para alimentação saudável de um adulto mediano, de acordo com a legislação brasileira atual, deve perfazer 2000 Kalorias/dia, ou seja, é necessário ingerir diariamente, em média: em média: 60 g de proteínas, 60 g de lipídios (gordura), 310 g de carboidratos e 25 g de fibra alimentar. Para dar conta da necessidade de proteína, por exemplo, deve ser consumida 1 xícara de leite ou 1 fatia de queijo, ou 1 concha de feijão, ou 1 bife ou 1 filé frango ao longo do dia, o que já contém 50gr. de lipídios, gordura, ou seja, complicado.

Bem, dá para perceber que o ser humano pré histórico nem chegava perto desta diversidade ou destas quantidades. Sua dieta era irregular pois nem sempre encontrava ou obtinha tudo aquilo que precisava diariamente, talvez na semana conseguisse manter uma média, quem sabe no mês, ou no ano. Enfim, o alimento era essencial para sua existência e as proteínas necessárias desde a infância para a construção de sua estrutura física. É bem provável que fossem subnutridos e ávidos por um bom churrasco. Digo isto por conta de que o fogo tanto acelerava o processo para digestão quanto possibilitava meios para conservação de excedentes.

Dentre as possibilidades de obter alimento, uma delas era a caça, mas caçar depende de habilidades como Identificar, rastrear, acuar e abater animais. Há de se convir que isso não é fácil, especialmente, quando se trata de animais de grande porte.

Nenhum deles está disposto a deixar-se abater sem reagir, sem contra-atacar, sem lutar, enfim a caça também não é para os fracos...

Conhecer os animais, seu comportamento, índole e instintos é essencial para persegui-los e, principalmente, abatê-los. Portanto, a caça é uma atividade de alto risco.

A partir das premissas aqui apontadas, pense no ser humano, na aurora da história, lutando para vencer mais um dia. Pense também que, pelas condições do inverno, ao se abrigar numa caverna com frio e com fome não saia de sua cabeça a necessidade de se proteger e se alimentar. Será que neste estado não sonhasse, imaginasse ou almejasse isto?

Se a caça é a solução, o que fazer para obter sucesso nesta empreitada?

Suas habilidades pragmáticas já eram suficientes para enfrentar os animais, contudo, como garantir que ao sair daquele abrigo os encontraria?

Antecipar o sucesso da busca parece ser uma possibilidade, mas como fazer isto?

Quem sabe evocar a presença de um animal na caverna não fosse uma maneira de prognosticar o resultado de uma caçada? Alguém poderia representar algum deles e o grupo de caçadores poderia simular uma caçada de sucesso. Ao lado o desenho é uma cópia de uma imagem da pré-história, encontrada na caverna de Trois Frères na França. Supostamente se refere a um ser humano “vestindo” a pele de um animal. Quem sabe fosse uma das primeiras representações cênicas destinadas a simular uma caçada. Considera-se também a possibilidade de que fosse um Xamã, personalidade mística destinada à realizar funções rituais, aqui entra a magia.



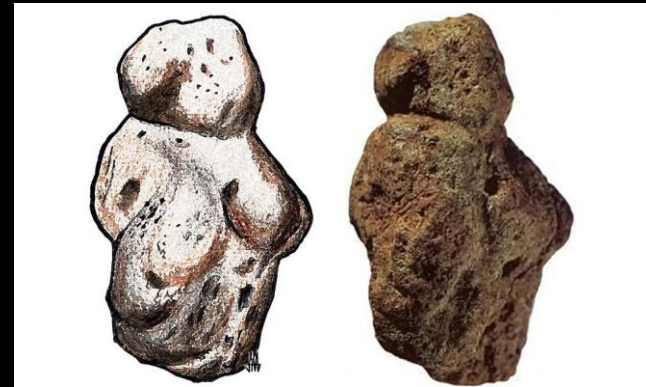
A imagem nomeada de “*Feiticeiro de Tróis-Frères*”, pode ser entendida como uma maneira de representar, simular a presença de um animal no sentido de evocar sua presença e dominá-lo.

Outra imagem que pode ser entendida do mesmo modo é a que está reproduzida a direita, obtida de uma incisão rupestre da região de Dordonha, na França, também da Pré-história. Tanto uma quanto outra sugere um ser humano “vestindo” a pele de um animal para o desempenho de práticas rituais espiritualizadas. Neste sentido, é possível admitir que o ritual se valia de movimentos, passos e gestos que podiam se assemelhar ao comportamento de certos animais e deste modo, antecipar o sucesso das caçadas. Em última instância, pode-se dizer, no mínimo, que inventaram a dança e a encenação teatralizada, a magia se torna comportamento cultural.



Os paleontólogos Andre Leroi-Gouhan e Annette Michelson, defendem a hipótese de que desde o paleolítico os seres humanos praticavam ritos semelhantes aos que se chama hoje de religiosos.

Ainda na Pré-história, no paleolítico superior foram encontradas figuras femininas que, de acordo com vários paleontólogos, podem ser decorrentes de rituais de fertilidade. Tal hipótese é apontada por certas características corporais evidenciadas naquelas imagens como o volume dos seios e ventre. Seria um modo de prognosticar a capacidade gerativa das mulheres. Batizadas inadvertidamente de Vênus, pelos seus descobridores, passaram a ocupar o imaginário pré-histórico desde então. A mais antiga parece ser a “*Vênus de Berekhat Ran*”, hoje no museu de Israel em Jerusalém, imagens à direita.



Foi descoberta pelo paleontólogo Naama Goren-Inbar do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém. É a mais antiga, datada com mais de cem mil anos. Embora controversa, parece sugerir uma figura feminina como muitas outras encontradas milênios depois.

Contudo não se pode esquecer a primeira a ser encontrada na região de Willendorf, na Áustria, em 1908, da qual recebeu o seu nome: “*Vênus de Willendorf*”, abaixo, da qual foram tomadas várias fotos em posições diferentes para dar ideia da imagem.



Em geral não excedem a poucos centímetros, por isto são também entendidas como amuletos, peças que podem ser transportadas junto ao corpo.

Cem anos depois, em 2008, foi encontrada a “*Venus de Hôhle Fels*”, encontrada na região deste nome em Schelklingen na Alemanha, mais uma destas figuras femininas pré-históricas. Sua aparência é semelhante às demais encontradas ao longo da história e têm recebido a mesma incumbência: a responsabilidade de propiciar a geração humana...



Ao olhar para as imagens concebidas e criadas na aurora da humanidade é provável que uma pergunta persista: Quais os motivos para realiza-las? Imagine a dedicação e trabalho dedicado à produção de qualquer imagem no período pré-histórico. Primeiro: o ser humano devia ter domínios intelectuais cognitivos suficientes para observar os animais com os quais convivia e dependia para sobreviver. Além disso precisava identificar, se apropriar e transformar elementos obtidos na natureza para utilizá-los para a criação de imagens, por fim, precisava de habilidades manuais psicomotoras desenvolvidas para realiza-las.

Depois de tudo dominado, resta saber quais os motivos que os estimulavam a criar imagens. Seguindo a mesma lógica apontada até aqui, é de se supor que tais imagens eram criadas com fins propiciatórios. Esta é a hipótese que vêm dominando a compreensão da Arte na pré-história. Boa parte dela se deve ao abade Henri Breuil responsável pelos primeiros estudos relacionados às imagens da pré-história. Pode ser considerado um dos primeiros especialistas nesta modalidade de estudos. Posteriormente Salomón Reinach, historiador e antropólogo francês, lança a teoria da Magia Simpática ou propiciatória.

Reinach defende que as imagens elaboradas naqueles períodos tinham por finalidade auxiliar na supressão de, pelo menos, duas necessidades básicas: a alimentação e a fecundidade, ou seja, a caça e a procriação. Neste sentido tais imagens eram destinadas a evocar tais fins. O problema era o que ou quem evocar. Como se deduz, naqueles primeiros momentos humanos as relações entre os seres humanos e a natureza não eram claras e inteligíveis como são hoje, nem todas as explicações eram lógicas ou pragmáticas, havia uma desconfiança de que o natural se conectava com algo além dele, algo sobrenatural.

Pelo sim, pelo não, vale a pena se precaver: criar ritos, cultos, homenagens e divinizações, este passa a ser um comportamento recorrente desde então. Uma conduta destinada a apaziguar, agradar, agradecer, permutar, requerer e compensar o obtido, portanto, o comportamento ritualístico se instaura na humanidade desde seus primeiros tempos e persiste até hoje. Quem nunca? Quem nunca pediu graças a uma entidade, quem nunca apostou em jogo de azar, quem nunca usou a camisa do time preferido para torcer, quem nunca rasgou a imagem de um desafeto, quem nunca teve medo de mandinga... Enfim, ser humano é adotar crenças e símbolos. Isto faz parte de sua identidade cultural.

Bem, entendendo as crenças é possível entender o simbólico. Literalmente Símbolos são representações de Crenças, ou seja, algo catalizador pertinente a um grupo social ou coletividade como a bandeira ou o hino de uma nação atual, ambos representam a crença numa unidade: seja ela política, étnica ou geográfica. Pode ser também algo superior/sobrenatural como uma religião e suas entidades representando fé em suas crenças. Enfim, tudo pode ser simbolizado, mesmo quando há componentes materiais, pense nas marcas, elas representam a crença na identidade, autenticidade e qualidade de produtos e a credibilidade que querem promover.

Segundo Ernest Cassirer, o ser humano é um animal simbólico, ou seja: mistos, religião, linguagem, arte, todas as construções humanas e a própria história são recursos para significar o mundo, sem símbolos não há civilização. O simbólico é imaterial, ou seja, não depende da matéria, do que é feito ou do que mostram, mas do que representam em termos de credibilidade sociocultural, por isto a lógica e a racionalidade não surtem efeito sobre ele. Este é um dos componentes sociais mais complexos do ser humano e por isto mais utilizado para manipular suas condutas.

Os primeiros líderes grupais detectaram o potencial simbólico das crenças utilizando-o para estruturar o poder e dominar. A crença leva à fé e a credibilidade em pessoas e entidades, logo, abre caminho para a instituição de uma hierarquia. Sem desprezar o caráter estético é necessário tomar consciência de que a Arte passa a ser algo que extrapola a compreensão corriqueira e materialista das coisas, incorporando aspectos subjetivos, rituais, simbólicos e conceituais à vida humana.

A Arte é também uma das maneiras que o ser adotou para manifestar suas idiossincrasias, anseios e imaginação, portanto, não se pode descartar as manifestações artísticas como registros, narrativas e referências ao mundo natural, espiritual ou ambos. Várias imagens não contemplam a lógica, mas combinam o racional e o passional. Neste sentido podem dar vazão às diferentes análises, hipóteses, explicações e interpretações na tentativa de clarear condutas e comportamentos humanos sobre os quais não se tem evidências, provas ou certezas.



Na Gruta de Lascaux, na França, temos uma imagem que revela o resultado de um confronto entre humano e animal. Tanto o animal quanto o ser humano parecem estar sem vida. Esta pode ser a primeira narrativa, um registro de uma ocorrência fatal, talvez um alerta para caçadores.

Aqueles seres humanos contavam apenas com seu corpo e suas habilidades pois, as armas ou ferramentas não eram tão eficientes a ponto de garantir sua proteção.

Como diz o ditado: Tinham que “Pegar o Touro à Unha” e como completou Millor Fernandes: O duro de pegar o touro à unha é que depois que você pega não pode mais soltar...

O confronto entre caçadores e caças era altamente arriscado e, pode-se deduzir, que não era incomum a ocorrência de acidentes como o que está relatado naquela imagem. Não é possível afirmar que fosse um relato ou advertência, mas é possível perceber que se trata de uma ocorrência nefasta.

Ao mesmo tempo é necessário considerar que o nível de compreensão que aquelas primeiras pessoas tinham do meio ou de sua própria existência era bastante difuso.

É de se supor que as distinções entre o mundo no qual elas viviam e aquele com o qual sonhavam (no sentido do sono, onírico e não da esperança), não se separavam muito bem. Ter consciência de si, do meio, da realidade e do sonho e da fantasia é uma coisa que hoje dominamos bem, mas não é possível inferir que aquelas pessoas tinham essa consciência no grau que se tem hoje em dia. Logo, o sonho e a realidade podiam estar presentes nos comportamentos cotidianos.

É possível, portanto, levantar várias hipóteses à respeito dos seus comportamentos baseado no que se sabe ou se deduz das investigações arqueológicas e artísticas.

A ideia de Hipótese se refere a uma resposta provável para uma pergunta ou dúvida.

Assim pode-se perguntar:

O que as pessoas na Pré-históricas almejavam?

Bem algumas das respostas mais óbvias, já foram antecipadas: queriam sobreviver; para sobreviver tinham que caçar; para caçar tinham que definir e desenvolver estratégias; as estratégias nem sempre funcionavam bem, haviam surpresas e intercorrências que limitavam ou impediam e até aniquilavam alguns.

Para ampliar as possíveis respostas será que não teriam, então, algum meio de prever, antecipar ou mesmo anular tais incidentes?

Obter sucesso confiando apenas nas técnicas e procedimentos rudimentares, nem sempre garantiam sucesso e, quem sabe, seja este o motivo de buscarem alternativas sobrenaturais. Ao fim e ao cabo era necessário apelar para algo que lhes desse esperança, mesmo que não garantisse o sucesso. Contudo na medida em que apelavam para o sobrenatural poderiam ocorrer coincidências e obterem mais sucesso nas caçadas, isto reforçaria a crença de que os rituais propiciavam sucesso.

Para eles, os fenômenos naturais não tinham explicações plausíveis, portanto só podiam ser obras de entidades invisíveis, poderosas e mágicas... A conclusão óbvia foi buscar o apaziguamento de tais entidades pela magia. Segundo o dicionário: *“magia é a prática baseada na crença de que é possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais, valendo-se da intervenção de seres fantásticos e da manipulação de algum princípio oculto, supostamente presente na natureza, seja por meio de fórmulas, rituais ou de ações simbólicas”*.

Assim podem ter surgido as crenças e seus cultos destinados a lidar com tais entidades para suprimir seus medos e incertezas. Quando o ser humano não encontra uma explicação lógica para as coisas tende a produzir explicações mágicas. Neste sentido, a tendência é o surgimento e desenvolvimento de rituais destinados a muitos fins: apaziguar a natureza, apaziguar sua mente e também as entidades sobrenaturais que poderiam ordenar o mundo em que viviam e torna-lo mais ameno ou aceitável. Esta seria a melhor explicação para justificar as crenças em entidades e na construção de simbologias.

Bem, aqui entra a ideia do *Bisão Encantado*.

A brincadeira se refere à necessidade de sobrevivência humana e à caça como um dos recursos que mais lhes proporcionava os nutrientes necessários e que lhe deram a capacidade de desenvolver tanto sua mente quanto seu corpo. Estudos dizem que o consumo de proteína foi um dos grandes diferenciais da alimentação humana.

Onívoro por natureza, o ser humano pode se alimentar de quase tudo o que encontrava. Isso é importante em termos de diversidade alimentar e de sobrevivência.

Nada contra vegetarianos ou veganos, mas é necessário considerar que a fonte de proteína mais acessível nos primeiros períodos da humanidade não provinha de vegetais, mas da carne. Se não fosse ela talvez não tivéssemos chegado onde chegamos em relação às outras espécies animais.

Consumir proteínas foi um grande salto de qualidade na alimentação que proporcionou o desenvolvimento físico e social. Obviamente, hoje em dia, pode-se argumentar que é possível viver sem carne, mas a disponibilidade de produtos alimentares de alto poder proteico e calórico é recente. Há opções alimentares que os ancestrais humanos não tinham.

O *Bisão Encantado* é uma metáfora para a associação entre a necessidade da caça com os rituais de magia simpática que deu origem a boa parte das imagens que conhecemos da Pré-história e que chamamos de Arte Pré-Histórica. Se temos que pensar numa função social para as manifestações daquele período, é justamente a busca do alimento, ou seja, de um Bisão Encantado...

A ideia de encantamento é o mesmo que de deslumbramento, um estado de alegria e felicidade. Imagine sair de um período de fome a partir de um ato de magia... Então, esta é uma relação justificada.

Também não se sabe se quem produzia as imagens, se eram homens ou mulheres e qual a preparação ou iniciação para isto ou se iam tentando até conseguir. É possível supor que o trabalho dedicado à criação de imagens era extremamente complicado e dependia de domínios e habilidades cognitivas e psicomotoras, ou seja tinham que dominar a mente, a mão e os materiais.

Observar e configurar imagens nem sempre é uma tarefa fácil. Neste caso, em especial, era pior ainda pois não existiam instrumentos, ferramentas, materiais artísticos prontos que pudessem auxiliar alguém que se dispusesse a fazer imagens.

Criar imagens significava também criar as condições para realizá-las, pois tudo estava no início. Pode-se dizer que fizeram um excelente trabalho e até hoje os recursos, técnicas, processos e procedimentos artísticos ainda recorrem às primeiras manifestações humanas.

As essências dos fazeres artísticos ainda se inspiram e recorrem a aqueles primeiros processos e procedimentos.

A tradição da pintura, escultura, modelagem, desenhos, grafias são devedoras dos primeiros seres humanos. Nisso reside a tradição artística e justifica chamarmos o que faziam de Arte com A maiúsculo.

Podemos dizer com orgulho:
O ser humano fez isto!



Em Altamira, na Espanha, a primeira caverna descoberta na qual existiam imagens da pré-história revela a tentativa de criar o efeito de volume. Quem criou recorreu à protuberância das rochas para pintar seus bisões. Normalmente o que víamos nos livros era uma imagem frontal que escondia o efeito de tridimensionalidade.



Pinturas e desenhos, incisões rupestres, modelagem e esculturas eram recursos dedicados à produção de imagens.



A grandiosidade de algumas obras fazem inveja a muitos artistas da atualidade.
Caverna de Lascaux, na França.



Em Lascaux, na França, a sucessão de cervos nos dá a sensação de movimento, de ação e revela a visão do caçador.



Na Líbia, cenas do cotidiano narram a vida naquele período: a caça, os combates nos dão a noção do que era viver lá.



No Brasil, a Serra da Capivara em Raimundo Nonato no Piauí, o maior e mais importante sítio arqueológico do país, mostra a simbologia construída na relação dos seres humanos com a natureza.



Parque Nacional da Serra da Capivara em Raimundo Nonato no Piauí, Brasil. As imagens que sugerem figuras humanas não são tão humanas assim, o que pode revelar culto a entidades criadas no contexto cultural daquelas pessoas.

Explicar as Obras e Arte da Pré-História nunca foi uma tarefa fácil para os historiadores.

Justamente por se tratar de um período em que não existia a escrita, tudo o que se tem são sítios arqueológicos, artefatos, ferramentas, armas, utensílios e... As imagens. É por meio delas que o ser humano daquele tempo foi capaz de estabelecer relacionamentos entre eles e com o tempo atual.

Os seres humanos que viviam naquela época em condições adversas, perversas, difíceis encontraram nas imagens, na Arte um meio de abreviar suas dificuldades, necessidades e tecer a esperança.

Fazer, falar ou estudar as manifestações artísticas nos dão uma noção mais efetiva de seus criadores. Com todas as tragédias e confrontos promovidos ao longo do tempo há sempre uma réstia de esperança capaz de iluminar sua índole nefasta e torna-lo mais humano, no sentido humanístico. É isto que mobiliza os discursos simbólicos de boa arte das religiões mesmo que, na prática, seus efeitos sejam ainda frágeis. Mas é também da condição humana continuar tentando e buscar soluções para ser melhor.

A Arte na Pré-História relata a saga da humanidade na sua tentativa de sobreviver às intempéries, aos animais que caçavam e eu os caçava, a luta para prover seu alimento e sobreviver.

Símbolo, em termos gerais, é algo que pode representar conceitos, ideias, definir significados e sentidos nos diversos segmentos socioculturais.

Em todas as épocas e lugares são encontradas imagens às quais se dá o nome de Arte e suas funções, métodos, processos, aparência, variam: ora são realizadas para constatar, propiciar a ocorrência de algo, ora para inventar, narrar ou contar histórias e ora para celebrar, reconhecer e afirmar algo.

Todo grupamento humano tende a instituir símbolos cuja finalidade é definir laços intersociais e promover a unidade entre seus pares.

Ao fazerem isto os criadores de imagens consolidam, sem dúvida alguma, a ideia de pertencimento e ao mesmo tempo a condição de SER humano no contexto social no qual operam, no seu tempo e no seu lugar.